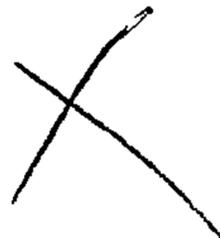


PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP



Nº. de referência: 1

Título: "VICENTE"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): TORGA, MIGUEL

Adaptador: MARQUES, A. BELO

Realizador: GUSMÃO, FERNANDO E MANUEL TOITAS

Locutor: ?

Data de produção: 30/10/1974

Data de Emissão: 4/11/1974

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
ANTÓNIO MONTES	NARRADOR
EDUARDO JACQUES	DEUS
TRENE GRUZ	VOZ
RUI DE BARVALHO	NOÉ

Estado de conservação: Bom

Razoável

Mau

Tipo de Suporte:

Original

Cópia

Registo Sonoro: Sim

Não

Nº do Registo Sonoro:

Reis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIRECÇÃO ARTÍSTICA - FERNANDO GUSMÃO

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS

PROGRAMA Nº 1730	PROGRAMA
DATA DE 24/OUT/74	EMISSÃO DE 4/11/74
PREÇO 39	15-30 HORAS
AGRAV 30/10/74	VISTO
NOTA 10.00	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

"VICENTE"

de Miguel Torga

Adaptação de Álvaro Belo Marques
Realização de Manuel Tomás e Fernando Gusmão

Interpretação de:

NARRADOR António Monteiro

DEUS Luís Afonso Lisboa

VOZ Emília da Costa

NOÉ Rui de Carvalho

1. LOC. 1 -- A Emissora Nacional apresenta na sua rubrica de Mini-Teatro, um dos mais belos contos da literatura portuguesa.
2. LOC. 2 - Vicente, de Miguel Torga.
3. LOC. 1 - Que fecha o seu livro "Bichos", cuja primeira edição apareceu a público há 34 anos. E as edições ainda não pararam. A sétima data de 1970. É Miguel Torga que nos diz:

4. M. TORGA- Querido leitor:

São horas de te receber no portaló da minha pequena Arca de Noé. Tens sido de uma constância tão espontânea e tão pura a visitá-la, que é preciso que me liberte do medo de parecer ufano da obra, e venha delicadamente cumprimentar-te uma vez ao menos. Não se pagam gentilezas com descortesias, e eu sou instintivamente grato e correcto.

Este livro teve a boa fortuna de te agradar, e isso encheu-me sempre de júbilo. Escrevo para ti desde que comecei, sem te ilisongear, evidentemente, mas também sem ser insensível às tuas reacções. Fazemos parte do mesmo presente temporal e, quer queiras, quer não, do mesmo futuro intemporal. Agora, sofremos as vicissitudes que o momento nos impõe, companheiros na premente realidade quotidiana; mais tarde, seremos o pó da História, o exemplo promissor ou maldito, o prterito que se cumpriu bem ou mal. Se eu hoje me esquecesse das tuas angústias, e tu das minhas, seríamos ambos traidores a uma solidariedade de berço, umbilical e cósmica; se amanhã não estivéssemos unidos nos factos fundamentais que a posteridade há-de considerar, estes anos decorridos ficariam sem qualquer significação, porque onde está ou tenha estado um homem é preciso que esteja ou tenha estado toda a humanidade. Ligados assim para a vida e para a morte, bom foi que o acaso te fizesse gostar destes BICHOS. Apostar literariamente no porvir é um belo jogo, mas é um jogo de quem já se resignou a perder o presente. Ora eu sou teu irmão, nasci quando tu nasceste, e prefiro chegar ao juízo final contigo ao lado, na paz de uma fraternidade de raiz, a ter de entrar lá solitário como um lobo tresmalhado. Ninguém é feliz sozinho, nem mesmo na eternidade. De resto, um conto que te agradou, tem algumas probabilidades de agradar aos teus netos. Porque não hão-de eles tirar ninhos

- quando forem crianças? E, se tal não acontecer, paciência: ficarei um pouco triste, mas sempre junto de ti, firme, na consolação simples e honrada de ter sido ao menos homem do meu tempo.

És, pois, dono como eu deste livro, e, ao cumprimentar-te à entrada dele, nem pretendo sugerir-te que o leias com a luz da imaginação acesa, nem atrair o teu olhar para a penumbra da sua simbologia. Isso não é contigo, porque nenhuma árvore explica os seus frutos, embora goste que lhos comam. Sauda-te apenas nesta alegria natural, contente por ter construído uma barcaça onde a nossa condição se encontrou, e onde poderemos um dia, se quiseres, atravessar juntos o Letes, que é, como sabes, um dos cinco rios do inferno, cujas águas bebem as sombras, fazendo-as esquecer o passado.

5. MAL ACABA O TEXTO LIDO POR MIGUEL TORGA ENTRA RUÍDO DE CHUVA E DE VENTO. A CHUVA MAIS FORTE QUE O VENTO. FICA EM FUNDO.

6. NARADOR - Naquela tarde, à hora em que o céu se mostrava mais duro e mais sinistro, Vicente abriu as asas negras e partiu. Quarenta dias eram já decorridos desde que, integrado na leva dos escolhidos, dera entrada na Arca de Noé. Caladô e carrancudo, andava de cá para lá numa agitação contínua, como se aquele grande navio, onde o Senhor guardara a vida, fosse um ultraje à criação. Em semelhante balbúrdia - lobos e cordeiros irmanados no mesmo destino -, apenas a sua figura negra e seca se mantinha inconformada com o procedimento de Deus. Numa indignação silenciosa, perguntava a que propósito estavam os animais metidos na confusa questão da torre de Babel? Que tinham que ver os bichos com as fornicções dos homens, que o Criador queria punir? Justos ou injustos, os altos desígnios que determinavam aquele dilúvio, batiam de encontro a um sentimento fundo, de irrepriável repulsa. E, quanto mais inexorável se mostrava a prepotência, mais crescia a revolta de Vicente.

- Quarenta dias, porém, a carne fraca o prendeu ali. Nem mesmo ele poderia dizer como descera do Líbano para o cais de embarque e, depois, na Arca, por tanto tempo recebera das mãos servias de Noé a ração quotidiana. Mas pudera vencer-se. Conseguira, enfim, superar o instinto da própria conservação e abrir as asas de encontro à imensidão terrível do mar.

A insólita partida foi presenciada por grandes e pequenos num respeito calado e contido. Pasmados e deslumbrados, viram-no, temerário, de peito aberto, atravessar o primeiro muro de fogo com que Deus lhe quis impedir a fuga, sumir-se ao longe nos confins do espaço. Mas ninguém disse nada. O seu gesto foi naquele momento o símbolo da universal libertação. A consciência em protesto activo contra o arbítrio que dividia os seres em eleitos e condenados.

7. DEUS - (VOZ COM REVERBERAÇÃO) - Noé, onde está o meu servo Vicente?
8. NOÉ - (2 TEMPOS)- Deve...andar por aí...(CRITANDO) Vicente! Vicente! Que é do Vicente?!
9. DEUS - Noé?!
10. NOÉ - Vicente!...Ninguém o viu? Procurem-no!
11. DEUS - Noé, onde está o meu servo Vicente?!
12. NOÉ - Vicente! Vicente! Em que sítio é que ele se meteu?
13. VOZ - (Humilde, baixa, desculpante) - Vicente fugiu...
14. NOÉ - Fugiu?! Fugiu como?!
15. VOZ - Fugiu...voou...
16. RUÍDO DE TROVÃO SEGUIDO IMEDIATAMENTE DA VOZ DE DEUS.
17. DEUS - (TONITRUANTE) - Noé, onde está o meu servo Vicente?!
18. NOÉ - Senhor...o teu servo Vicente evadiu-se. (1 TEMPO). A mim não me pesa a consciência de o ter ofendido ou de lhe haver negado a ração dovida. Ninguém o maltratava aqui. Foi a sua pura insubmissão que o levou...Mas perdoa-lhe e perdoa-me também a mim...E salva-o que, como tu mandaste, só o guardei a ele...
19. DEUS - Noé!...Noé!...

20. FADE IN DE 5.

21. NARRADOR - E a palavra de Deus, medonha, t^ou do novo polo deserto infinito do firmamento. Depois, seguiu-se um silêncio mais terrível ainda. E, no vácuo em que tudo parecia mergulhado, ouvia-se, infantil, o choro desesperado do Patriarca, que tinha então seiscentos anos de idade. Entretanto, suavemente, a Arca ia virando de rumo. E a seguir, como que guiada por um piloto encoberto, como que movido por uma força misteriosa, apressada e firme - ela que até ali vogara indecisa e morosa ao sabor das ondas -, dirigiu-se para o sítio onde quarenta dias antes eram os montes da Arménia. Na consciência de todos a mesma angústia e a mesma interrogação: A que represálias recorreria agora o Senhor? Qual seria o fim daquela rebelião?

Horas e horas a Arca navegou assim, carregada de incertezas e terror. Iria Deus obrigar o corvo a regressar à barca? Iria sacrificá-lo, pura e simplesmente, para exemplo? Ou que iria fazer? E teria Vicente resistido à fúria do vendaval, à escuridão da noite e ao dilúvio sem fim? E, se vencera tudo, a que paragens arribara? Em que sítio do universo havia ainda um retalho de esperança?

Ninguém dava resposta às próprias perguntas. Os olhos cravaram-se na distância, os corações apertavam-se num sentimento de revolta impotente, e o tempo passava.

Súbitamente, um linco de visão mais penetrante viu terra.

22. RUÍDOS DE ANIMAIS.

23. VOZES - Terra! Terra!

24. NARRADOR - A palavra, gritada a medo, por parecer ou miragem ou blasfémia, correu a Arca de lés a lés como um perfume. E toda aquela fauna desiludida e humilhada subiu acima, ao convés, no alvoroço grato e alentador de haver ainda ch^o firme neste pobre universo.

- Terra! Nem planaltos, nem veigas, nem desertos. Nem mesmo a macicez tranquilizadora dum monte. Apenas a crista de um cerro a emergir das vagas. Mas bastava. Para quantos o viam, o pequeno penhasco resumia a grandeza do mundo. Encarnava a própria realidade deles, até ali transfigurados em meros fantasmas flutuantes. Terra! Uma minúscula ilha de solidez no meio dum abismo movediço, e nada mais importava e tinha sentido.

Terra! Desgraçadamente, a doçura do nome trazia em si um travor. Terra... Sim, existia ainda o ventre quente da mãe. Mas o filho? Mas Vicente, o legítimo fruto daquele solo? -- Vicente, porém, vivia. À medida que a barca se aproximava, foi-se clarificando na lonjura a sua presença esguia, recortada no horizonte, linha severa que limitava um corpo, e ora ao mesmo tempo um perfil de vontade.

Chegara! Conseguira vencer! E todos sentiram na alma a paz da humilhação vingada.

Simplesmente, as águas cresciam sempre, e o pequeno outeiro, de segundo a segundo, ia diminuindo.

Terra! Mas uma porção de tal modo exígua, que até os mais confiados a fixavam ansiosamente, como a defendê-la da voragem. A defendê-la e a devender Vicente, cuja sorte se ligara inteiramente ao telúrico destino.

Ah, mas estavam "rotas as fontes do grande abismo e abertas as cataratas do céu"! E homens e animais começaram a desesperar diante daquele submergir irremediável do último reduto da existência activa. Não, ninguém podia lutar contra a determinação de Deus. Era impossível resistir ao ímpeto dos elementos, comandados pela sua implacável tirania.

Transida, a turba sem fé fitava o reduzido cume e o corvo pousado em cima. Palma a palma, o cabeça fora devorado.

Restava dele apenas o topo, sobre o qual, negro, sereno, único representante do que era raiz plantada no seu justo melo, impávido, permanecia Vicente. Como um espectador impessoal, seguia a Arca que vinha subindo com a maré. Escolhera a liberdade, e aceitara desde esse momento todas as consequências da opção. Olhava a barca, sim, mas para encarar de frente a degradação que recusara.

- Noé e o resto dos animais assistiam mudos àquele duelo entre Vicente e Deus. E no espírito claro ou brumoso de cada um, este dilema apenas: ou se salvava o pedestal que sustinha Vicente, e o Senhor preservava a grandeza do instante genesíaco - a total autonomia da criatura em relação ao criador -, ou, submerso o ponto de apoio, morria Vicente, e o seu aniquilamento invalidava essa hora suprema. A significação da vida ligara-se indissolúvelmente ao acto de insubordinação. Porque ninguém mais dentro da Arca se sentia vivo. Sangue, respiração, seiva de seiva, era aquele corvo negro, molhado da cabeça aos pés, que, calma e obstinadamente, pousado na derradeira possibilidade de sobrevivência natural, desafiava a onipotência.

Três vezes uma onda alta, num arranco de fim, lambeu as garras do corvo, mas três vezes recuou. A cada vaga, o coração frágil da Arca, dependente do coração de Vicente, estremeceu de terror. A morte temia a morte.

Mas em breve se tornou evidente que o Senhor ia ceder. Que nada podia, senão render-se, perante a transcendência daquela irreduzibilidade.

Que, para salvar a sua própria obra, fechava, melancolicamente, as comportas do céu.

25. FADE IN DE 5. E CORTE BRUSCO

26. LOC. 1 - "Vicente", de Miguel Torga.

27. RUÍDO DE TROVÃO

28. LOC. 2 - Uma realização de Álvaro Belo Marques, Fernando Gusmão, Manuel Tomás

29. LOC. 1 - Intérpretes

30. LOC. 2 - Miguel Torga leu o prefácio do seu livro "Bichos".

31. M. TORGA - (APENAS NA PARTE) - Saúdo-te apenas nesta alegria natural, contente por ter construído uma barcaça onde a nossa condição se encontrou e onde poderemos um dia, se quiseres, atravessar

.../...

- juntos o Letes, que é, como sabes, um dos cinco rios do inferno, cujas águas bebem as sombras, fazendo-as esquecer o passado. Teu. Miguel Torga.

32. ACORDE FINAL



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa *Miniteatro: "O Vicente"*

Referência } N.º/R.P.L. 1430
 } N.º S.P.P.

Episódio N.º Datas } da gravação 30 de Outubro de 1974 às 10,00 horas.
 } da 1.ª emissão 4 de Novembro de 1974 Programa OM.

Director artístico

Fernando Gusmão

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
António Montês Eduardo Jacques Irene Cruz Rui de Carvalho	Narrador Voz N.º	

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor
Locutor
Captação
Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, de de 196